

PROCURAR APRENDER PELA FÉ

Élder David A. Bednar

Do Quórum dos Doze Apóstolos

Discurso aos Educadores Religiosos • 3 de Fevereiro de 2006 • Instituto de Religião de Jordan



Expresso meu amor por vocês—e a gratidão das Autoridades Gerais pela influência justa que exercem sobre os jovens da Igreja em todo o mundo. Obrigado por abençoarem e fortalecerem a nova geração.

Oro para que o Espírito Santo nos abençoe e edifique ao

compartilharmos estes momentos especiais.

Princípios Interligados: Pregar pelo Espírito e Aprender pela Fé

Somos admoestados repetidas vezes nas escrituras a pregar as verdades do evangelho pelo poder do Espírito (ver D&C 50:14). Creio que a grande maioria de nós, pais e professores da Igreja, estamos cientes desse princípio e geralmente nos esforçamos devidamente para colocá-lo em prática. Não obstante, por mais importante que seja esse princípio, ele é apenas um elemento de um modelo espiritual muito maior. Também somos freqüentemente ensinados a procurar aprender pela fé (ver D&C 88:118). *Pregar pelo espírito* e *aprender pela fé* são princípios interligados que temos que nos esforçar para compreender e aplicar simultânea e constantemente.

Acho que enfatizamos e sabemos muito mais sobre como o professor ensina pelo Espírito do que sobre como o aluno aprende pela fé. É evidente que os princípios e processos tanto do ensino quanto do aprendizado são espiritualmente essenciais. No entanto, ao contemplarmos o futuro e anteciparmos o mundo ainda mais confuso e turbulento em que viveremos, creio ser essencial que todos aumentemos nossa capacidade de procurar aprender pela fé. Em nossa vida pessoal, em nossa família e na Igreja, podemos receber e receberemos as bênçãos de força espiritual, orientação e proteção se buscarmos obter e aplicar o conhecimento espiritual pela fé.

Néfi nos ensina que “quando um homem fala pelo poder do Espírito Santo, o poder do Espírito Santo leva [a mensagem] ao coração dos filhos dos homens” (2 Nefi 33:1). Observem que o poder do Espírito leva a mensagem *ao* coração e não necessariamente *para dentro* dele. O professor pode explicar, demonstrar, persuadir e testificar, e pode fazê-lo com grande força espiritual e eficácia. Mas no final, o conteúdo da mensagem e o testemunho do Espírito Santo só penetrarão no coração se o aluno permitir que entrem.

Irmãos e irmãs, aprender pela fé significa abrir o caminho que *entra* no coração. Enfocaremos hoje a responsabilidade individual que cada um de nós tem de procurar aprender pela fé. Também analisaremos as implicações desses princípios para nós, professores.

Princípio de Ação: Fé no Senhor Jesus Cristo

O Apóstolo Paulo definiu a fé como o “fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não vêem” (Hebreus 11:1). Alma declarou que a fé não é um perfeito conhecimento, mas que se tivermos fé, teremos “esperança nas coisas que se não vêem [mas] que são verdadeiras” (Alma 32:21). Além disso, aprendemos em *Lectures on Faith* que a fé é “o primeiro princípio da religião revelada (...) e o alicerce de toda retidão (...)” e que é também “o princípio de ação em todos os seres inteligentes” [Joseph Smith (comp.) *The Lectures On Faith*, 1985, p. 1].

Esses ensinamentos de Paulo, Alma e de *Lectures on Faith* destacam três elementos básicos da fé: (1) a fé como *certeza* das coisas que esperamos e que são verdadeiras, (2) a fé como *prova* das coisas que não se vêem e (3) a fé como princípio de *ação* em todos os seres inteligentes. Descrevo simultaneamente esses três componentes da fé no Salvador como contemplar o futuro, olhar para o passado e iniciar uma ação no presente.

A fé como certeza das coisas que esperamos contempla o futuro. Essa certeza fundamenta-se numa compreensão correta de Deus e na confiança Nele que nos permite “prosseguir com firmeza” (2 Néfi 31:20) rumo a situações incertas e muitas vezes desafiadoras no trabalho do Salvador. Por exemplo: Néfi confiou justamente nesse tipo de certeza que contempla o futuro ao voltar para Jerusalém a fim de obter as placas de latão, “não sabendo de antemão o que deveria fazer. Não obstante [seguiu] em frente (...)” (1 Néfi 4:6–7).

A fé em Cristo está inseparavelmente ligada à esperança em Cristo para nossa redenção e exaltação e nela resulta a certeza e a esperança que nos possibilitam caminhar até o limiar da luz e dar alguns passos na escuridão, esperando e confiando em que a luz se moverá e iluminará o caminho (ver Boyd K. Packer, “The Candle of the Lord”, *Ensign*, janeiro de 1983, p. 54). A combinação de certeza e esperança inicia a ação no presente.

A fé como prova das coisas que não se vêem, olha para o passado e confirma nossa confiança em Deus e na veracidade das coisas que não se viam. Tendo caminhado para dentro da escuridão com certeza e esperança, recebemos a prova e confirmação quando a luz realmente se moveu e nos proporcionou a iluminação de que necessitávamos. O testemunho que adquirimos depois do teste de nossa fé (ver Éter 12:6) é a prova que aumenta e fortalece nossa certeza.

Certeza, ação e prova influenciam-se mutuamente num processo contínuo. Essa hélice é como uma mola que sobe em espiral tornando-se cada vez mais ampla. Esses três elementos da fé — certeza, ação e prova — não são separados nem distintos, mas estão inter-relacionados, são contínuos e formam um ciclo ascendente. E a fé, que alimenta esse processo contínuo, se desenvolve, evolui e se transforma. Ao nos voltarmos novamente para o futuro incerto, a certeza nos conduz à ação e produz uma prova, que aumenta ainda mais a certeza. Nossa confiança se torna mais forte, linha sobre linha, preceito sobre preceito, um pouco aqui e um pouco ali.

Encontramos um vigoroso exemplo da interação entre certeza, ação e prova quando os filhos de Israel transportavam a arca da aliança sob a liderança de Josué (ver Josué 3:7—17). Recordem que, quando os israelitas chegaram ao rio Jordão, foi-lhes

prometido que as águas se abririam, ou “[*parariam*] *amontoadas*”, e que eles poderiam cruzar o rio em seco. É interessante notar que as águas não se abriram quando os filhos de Israel pararam junto às margens do rio esperando que algo acontecesse; em vez disso, tiveram que molhar a sola de seus pés antes que as águas se abrissem. A fé dos israelitas manifestou-se no fato de terem caminhado para dentro da água *antes* que elas se abrissem. Eles caminharam para dentro do rio Jordão com uma certeza que contemplava o futuro nas coisas que esperavam. Quando os israelitas seguiram adiante, as águas se abriram e, quando cruzaram o rio em seco, olharam para trás e viram a prova das coisas que não eram vistas. Naquele episódio, a fé como certeza conduziu à ação e produziu a prova de coisas que não eram vistas mas que eram verdadeiras.

A verdadeira fé se concentra no Senhor Jesus Cristo e sempre conduz à ação. A fé como princípio de ação é destacada em muitas escrituras que todos conhecemos muito bem:

“Porque, assim como o corpo sem o espírito está morto, assim também a fé sem obras é morta” (Tiago 2:26; grifo do autor).

“Sede *cumpridores da palavra*, e não somente ouvintes” (Tiago 1:22; grifo do autor).

“Mas eis que, se despertardes e exercitardes vossas faculdades, *pondo à prova minhas palavras*, e exercerdes uma partícula de fé (...)” (Alma 32:27; grifo do autor).

A fé como princípio de ação é o principal fator do processo de aprendizado e aplicação prática da verdade espiritual.

Aprender pela Fé: Agir e Não Receber a Ação

De que modo a fé como princípio de ação em todos os seres inteligentes está relacionada com o aprendizado do evangelho? E o que significa procurar aprender pela fé?

Na grande divisão de todas as criações de Deus, há coisas que agem e coisas que recebem a ação (ver 2 Néfi 2:13—14). Como filhos e filhas de nosso Pai Celestial, fomos abençoados com o dom do arbítrio, a capacidade e o poder de agir independentemente. Investidos com o arbítrio, somos agentes, e devemos principalmente agir e não receber a ação—especialmente ao

buscarmos obter e colocar em prática o conhecimento espiritual.

Aprender pela fé e pela experiência são dois dos aspectos centrais do plano de felicidade do Pai. O Salvador preservou o arbítrio moral por meio da Expição possibilitando-nos agir e aprender pela fé. A rebelião de Lúcifer contra o plano buscava destruir o arbítrio do homem, e seu intento era que nós, como aprendizes, apenas recebêssemos a ação.

Ponderem a pergunta feita pelo Pai Celestial a Adão, no Jardim do Éden: “Onde estás?” (Gênesis 3:9). É óbvio que o Pai sabia onde Adão estava escondido, mas, assim mesmo, Ele fez a pergunta. Por quê? Um Pai sábio e amoroso permitiu que Seu filho agisse no processo de aprendizado, e não apenas recebesse a ação. Não existe sermão unidirecional para um filho desobediente, como talvez muitos de nós estejamos inclinados a proferir. Em vez disso, o Pai ajudou Adão, o aprendiz, a atuar como agente e a exercer devidamente o seu arbítrio.

Recordem quando Néfi quis saber as coisas que seu pai Leí tinha visto na visão da árvore da vida. É interessante notar que o Espírito do Senhor começou sua orientação a Néfi com a seguinte pergunta: “Que desejas tu?” (1 Néfi 11:2). É evidente que o Espírito sabia o que Néfi desejava. Então, por que fez a pergunta? O Espírito Santo estava ajudando Néfi a agir no processo de aprendizado e não simplesmente a receber a ação. (Incentivo vocês a, depois, estudarem os capítulos 11 a 14 de 1 Néfi e observarem como o Espírito tanto fez perguntas como incentivou Néfi a “olhar”, como elementos ativos do processo de aprendizagem.)

Vendo esses exemplos reconhecemos que, como aprendizes, temos que agir e ser cumpridores da palavra e não meros ouvintes que recebem a ação. Vocês e eu somos agentes que atuam e procuram aprender pela fé, ou estamos esperando ser ensinados e receber a ação? Os alunos que ensinamos estão agindo e procurando aprender pela fé, ou estão esperando ser ensinados e receber a ação? Estamos incentivando e ajudando nossos alunos a procurarem aprender pela fé? Nós e nossos alunos devemos ocupar-nos zelosamente perguntando, buscando e pedindo (ver 3 Néfi 14:7).

Um aprendiz que exerce seu arbítrio agindo de acordo com princípios corretos, abre seu coração

ao Espírito Santo e convida-O a ensinar, testificar com poder e confirmar o testemunho. O aprendizado pela fé exige esforço físico, mental e espiritual e não apenas uma receptividade passiva. É na sinceridade e constância de nossa ação inspirada pela fé que mostramos ao Pai Celestial e Seu Filho Jesus Cristo a nossa disposição de aprender e receber instrução do Espírito Santo. Assim, aprender pela fé envolve o exercício do arbítrio moral para agirmos com a certeza das coisas que esperamos e convidarmos o único professor verdadeiro, o Espírito do Senhor, a dar-nos a prova das coisas que não vemos.

Ponderem em como os missionários ajudam os pesquisadores a aprender pela fé. Assumir e cumprir compromissos espirituais, tais como estudar o Livro de Mórmon e orar a respeito dele, freqüentar as reuniões da Igreja e cumprir os mandamentos, são coisas que exigem que o pesquisador exerça a fé e aja. Um dos papéis fundamentais do missionário é ajudar o pesquisador a assumir e honrar compromissos, ou seja, a agir e aprender pela fé. Ensinar, exortar e explicar, por mais importantes que sejam, jamais podem proporcionar ao pesquisador um testemunho da veracidade do evangelho restaurado. Somente quando a fé do pesquisador inicia a ação e abre o caminho para o seu coração é que o Espírito Santo pode conceder-lhe um testemunho confirmador. É óbvio que os missionários precisam aprender a ensinar pelo poder do Espírito. Mas de igual importância é a responsabilidade que os missionários têm de ajudar os pesquisadores a aprender pela fé.

O aprendizado que estou descrevendo se estende para bem além da mera compreensão cognitiva, retenção e memorização de informações. O tipo de aprendizado de que estou falando faz com que deixemos de lado o homem natural (ver Mosias 3:19), mudemos nosso coração (ver Mosias 5:2) e sejamos convertidos ao Senhor e nunca apostatemos (ver Alma 23:6). Aprender pela fé exige um “coração e uma mente solícita” (D&C 64:34). Aprender pela fé é o resultado do processo de o Espírito Santo levar o poder da palavra de Deus ao coração e para dentro dele. O aprendizado pela fé não pode ser transferido do instrutor para o aluno por meio de uma palestra, demonstração ou exercício experimental; em vez disso, o aluno precisa exercer fé e agir para obter o conhecimento por si mesmo.

O jovem Joseph Smith compreendia intuitivamente o que significava procurar conhecimento pela fé. Um dos episódios mais conhecidos da vida de Joseph Smith foi quando ele leu os versículos sobre oração e fé no livro de Tiago, no Novo Testamento (ver Tiago 1:5—6). Aquele texto inspirou Joseph a retirar-se para um bosque próximo de sua casa para orar e procurar conhecimento espiritual. Observem as perguntas que Joseph tinha formulado em sua mente e sentido em seu coração—e que o levaram ao bosque. É evidente que ele tinha se preparado para “pedir com fé” (Tiago 1:6) e para agir.

“Em meio a essa guerra de palavras e divergência de opiniões, muitas vezes disse a mim mesmo: ‘Que deve ser feito? Quem, dentre todos esses grupos está certo, ou estão todos igualmente errados? Se algum deles é correto, qual é, e como poderei sabê-lo? (...)’

Meu objetivo ao dirigir-me ao Senhor era saber qual de todas as seitas estava certa, a fim de saber a qual me unir. Portanto, tão logo me controlei o suficiente para poder falar, perguntei aos Personagens que estavam na luz acima de mim qual de todas as seitas estava certa (...) e a qual me unir” (Joseph Smith—História 1:10, 18).

Observem que as perguntas de Joseph não se concentravam apenas no que ele precisava saber mas também no que ele precisava fazer. E a sua primeira pergunta centrava-se na ação e no que precisava ser *feito!* Sua oração não foi simplesmente: Qual igreja é a certa? O que ele perguntou foi a que igreja deveria filiar-se. Joseph foi ao bosque para aprender pela fé. Ele estava decidido a agir.

Em última análise, a responsabilidade de aprender pela fé e colocar em prática a verdade espiritual está sobre nossos ombros, individualmente. Essa é uma responsabilidade cada vez mais séria e importante no mundo em que vivemos e que ainda viveremos. O que, como e quando aprendemos são coisas apoiadas por um instrutor, um método de apresentação ou um tópico específico ou um formato de aula, mas não dependentes deles.

De fato, um dos grandes desafios da mortalidade é procurar aprender pela fé. O Profeta Joseph Smith resumiu muito bem o processo de aprendizado e os resultados que estou tentando descrever. Em resposta a um pedido dos Doze Apóstolos de que os instruisse, Joseph ensinou: “A melhor maneira de obter verdade

e sabedoria não é procurá-las nos livros, mas dirigir-se a Deus em oração e receber ensinamentos divinos” (*History of the Church*, volume 4, p. 425).

Em outra ocasião, o Profeta Joseph explicou: “A leitura de experiências alheias, ou das revelações dadas a outras pessoas, jamais poderá dar a nós uma visão abrangente de nossa situação e de nossa verdadeira relação com Deus” (*History of the Church*, vol. 6, p. 50).

Implicações para Nós, como Professores

As verdades sobre o aprendizado pela fé que abordamos até agora têm profundas implicações para nós, como professores. Ponderemos juntos três dessas implicações.

Primeira Implicação: O Espírito Santo é o único professor verdadeiro.

O Espírito Santo é o terceiro membro da Trindade e é o professor e testificador de toda a verdade. O Élder James E. Talmage explicou:

“O ofício do Espírito Santo referente a Sua ministração entre os homens está descrito nas escrituras. Ele é um mestre enviado pelo Pai; e aos que são dignos de Seus ensinamentos Ele revelará todas as coisas necessárias para o progresso da alma” [*The Articles of Faith*, 12ª ed., (1924), p. 162].

Sempre devemos lembrar que o Espírito Santo é o professor que, por meio do convite adequado, pode entrar no coração do aluno. De fato, temos a responsabilidade de pregar o evangelho pelo Espírito, sim, o Consolador, como pré-requisito para o aprendizado pela fé que somente pode ser alcançado por intermédio do Espírito Santo (ver D&C 50:14). Nesse sentido, somos mais semelhantes às longas e finas fibras de vidro usadas para construir os cabos de fibra óptica através dos quais os sinais de luz são transmitidos a distâncias muito grandes. Assim como o vidro desses cabos precisa ser puro para conduzir a luz de modo eficaz e eficiente, da mesma forma temos que nos tornar e permanecer condutos dignos por meio dos quais o Espírito do Senhor possa operar.

Mas, irmãos e irmãs, precisamos ter o cuidado de lembrar que em nosso serviço somos condutores e canais; não somos a luz. “Porque não sois vós quem falará, mas o Espírito de vosso Pai é que fala em vós”

(Mateus 10:20). Nunca sou eu ou vocês. Na verdade, tudo o que fazemos como professores para intencionalmente chamar a atenção para nós mesmos—nas mensagens que apresentamos, nos métodos que usamos ou em nossa conduta pessoal—é uma forma de artimanha sacerdotal que inibe a eficácia do ensino do Espírito Santo. O professor prega “*pelo Espírito da verdade ou de alguma outra forma? E se for de alguma outra forma, não é de Deus*” (D&C 50:17—18).

Segunda Implicação: Somos professores mais eficazes quando incentivamos e facilitamos o aprendizado pela fé.

Todos conhecemos o ditado de que dar um peixe a um homem garante apenas uma refeição. Se o ensinarmos a pescar, porém, estaremos alimentando esse homem por toda a vida. Como instrutores do evangelho, não estamos trabalhando na distribuição de peixes, mas, sim, no trabalho de ajudar as pessoas a aprenderem a “pescar” e a tornarem-se espiritualmente auto-suficientes. A melhor maneira de alcançar esse importante objetivo é incentivarmos e ajudarmos os alunos a agirem de acordo com princípios corretos—ajudando-os a aprender fazendo. “*Se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus*” (João 7:17).

Observem essa implicação colocada em prática no conselho dado a Junius F. Wells por Brigham Young, quando o irmão Wells foi chamado em 1875 para organizar os rapazes da Igreja:

“Em suas reuniões você deve começar pelo topo da lista e chamar o máximo de membros que o tempo permitir para que prestem seu testemunho e, na reunião seguinte, comece de onde parou e chame outros, para que todos participem e adquiram o hábito de se levantar e dizer algo. Muitos acham que não têm um testemunho para prestar, mas faça com que se levantem e descobrirão que o Senhor lhes dará a capacidade de expressar muitas verdades nas quais não tinham pensado. Mais pessoas adquiriram um testemunho quando se levantaram e tentaram prestá-lo do que ajoelhadas orando para consegui-lo (Junius F. Wells, “Historic Sketch of the YMMIA”, *Improvement Era*, junho de 1925, p. 715).

O Presidente Boyd K. Packer deu um conselho semelhante em nossos dias:

“Oh! Se ao menos eu pudesse ensinar-lhes este único princípio. O testemunho é *descoberto* quando

nós *prestamos!* Em algum lugar de sua jornada em busca de conhecimento espiritual, existe aquele ‘salto de fé’, como os filósofos o chamam. É o momento em que chegamos até o limiar da luz e damos um passo para dentro da escuridão, para então descobrirmos que o caminho está iluminado apenas o suficiente para um ou dois passos à nossa frente. ‘O espírito do homem’, como bem disse a escritura, é realmente ‘a lâmpada do Senhor’ (Provérbios 20:27).

Uma coisa é receber um testemunho daquilo que lemos ou ouvimos alguém dizer; e isso é necessário para começar. Outra coisa totalmente diferente é sentir o Espírito confirmar em nosso peito que aquilo que *nós* testemunhamos é verdadeiro. Percebem que isso lhes será concedido quando vocês o compartilharem? Ao oferecerem o que vocês têm, isso lhes será devolvido e aumentado!” (*Ensign*, janeiro de 1983, pp. 54—55).

Observei uma característica comum entre os professores que tiveram maior influência em minha vida. Eles me ajudaram a procurar aprender pela fé. Recusaram-se a dar-me respostas fáceis para perguntas difíceis. Na verdade, não me deram resposta alguma. Em vez disso, indicaram o caminho e me ajudaram a dar os passos para encontrar minhas próprias respostas. É claro que nem sempre gostei dessa abordagem, mas a experiência permitiu-me compreender que as respostas dadas por outra pessoa geralmente não são lembradas por muito tempo, se é que são lembradas. Mas as respostas que descobrimos ou que obtemos pelo exercício da fé, geralmente são lembradas por toda a vida. O aprendizado mais importante da vida é alcançado, não ensinado.

A compreensão espiritual com que fomos abençoados e que foi confirmada como verdadeira em nosso coração, não pode simplesmente ser dada a outra pessoa. O preço da diligência e do aprendizado pela fé precisa ser pago para obter e “possuir” pessoalmente esse conhecimento. Somente dessa forma, o que conhecemos na mente se transforma em algo que sentimos no coração. Somente dessa maneira uma pessoa deixa de depender do conhecimento espiritual e experiência de outros e reivindica essas bênçãos para si mesma. Somente desse modo estaremos espiritualmente preparados para o que está para vir. Temos que “[procurar] conhecimento, sim, pelo estudo e também pela fé” (D&C 88:118).

Terceira Implicação: A fé do instrutor é fortalecida quando ele ajuda outras pessoas a aprender pela fé.

O Espírito Santo, que pode ensinar-nos todas as coisas e fazer-nos lembrar de todas as coisas (ver João 14:26), está ansioso para ajudar-nos a aprender ao agirmos e exercermos fé em Jesus Cristo. É interessante notar que esse auxílio didático divino talvez nunca seja mais evidente do que quando estamos ensinando, seja no lar ou nas designações da Igreja. Como Paulo deixou bem claro para os romanos: “Tu, pois, que ensinas a outro, não te ensinas a ti mesmo?” (Romanos 2:21).

Observem os seguintes versículos de Doutrina e Convênios sobre como o ensino diligente convida a graça e a instrução celestes:

“E dou-**vos** um mandamento de que **vos** ensineis a doutrina do reino uns aos outros.

Ensinai diligentemente e minha graça acompanhar-**vos**-á, para que sejais instruídos mais perfeitamente em teoria, em princípio, em doutrina, na lei do evangelho, em todas as coisas pertinentes ao reino de Deus, que *vos* convém compreender (D&C 88:77—78; grifo do autor).

Tenham em mente que as bênçãos descritas nessas escrituras se referiam especificamente ao professor: “Ensine diligentemente e minha graça o acompanhará” — para que você, o professor, seja instruído!

Esse mesmo princípio está muito evidente no versículo 122 da mesma seção de Doutrina e Convênios:

“Dentre vós designai um professor e não falem *todos* ao mesmo tempo; mas cada um fale a seu tempo e *todos* ouçam suas palavras, para que quando *todos* houverem falado, *todos* sejam edificados por *todos*, para que *todos* tenham privilégios iguais (D&C 88:122; grifo do autor).

Se todos falarem e todos ouvirem de modo ordeiro e digno, todos serão edificados. O exercício individual e coletivo da fé no Salvador convida a instrução e o fortalecimento provenientes do Espírito do Senhor.

Procurar Aprender pela Fé: Um Exemplo Recente

Todos fomos abençoados com o desafio da Primeira Presidência, em agosto passado, de lermos o Livro de Mórmon até o final de 2005. Ao lançar esse desafio, o Presidente Gordon B. Hinckley prometeu que

o cumprimento fiel desse simples programa de leitura traria para nossa vida e para nosso lar “mais do Espírito do Senhor, uma determinação mais firme de obedecer a Seus mandamentos e um testemunho mais forte da realidade viva do Filho de Deus” (“Um Testemunho Vibrante e Verdadeiro”, *A Liahona*, agosto de 2005, p. 6).

Observem como esse desafio inspirado foi um exemplo clássico do aprendizado pela fé. Em primeiro lugar, não fomos forçados, coagidos ou obrigados a ler. Em vez disso, fomos convidados a exercer nosso arbítrio, como agentes, e a agir de acordo com os princípios corretos. O Presidente Hinckley, como professor inspirado, incentivou-nos a agir e não apenas a receber a ação. Cada um de nós, em última análise, teve que decidir se aceitaria o desafio e como o faria—e se perseveraria até o fim da tarefa.

Em segundo lugar, ao fazer-nos o convite de ler e agir, o Presidente Hinckley estava incentivando cada um de nós a procurar aprender pela fé. Nenhum material de estudo novo foi distribuído aos membros da Igreja, e não foram criadas novas lições, aulas ou programas pela Igreja. Cada um de nós tinha o seu exemplar do Livro de Mórmon—e um caminho para dentro de nosso coração mais amplamente aberto pelo exercício de nossa fé no Salvador, ao aceitarmos o desafio da Primeira Presidência. Assim, estávamos preparados para receber instrução do único professor verdadeiro, o Espírito Santo.

Nas últimas semanas, fiquei muito impressionado com o testemunho de um número muito grande de membros sobre suas experiências recentes na leitura do Livro de Mórmon. Muitas lições importantes e oportunas foram aprendidas, muitas vidas foram mudadas para melhor, e as bênçãos prometidas foram recebidas. O Livro de Mórmon, um coração disposto e o Espírito Santo; é realmente simples assim. A minha fé e a de outras Autoridades Gerais foi fortalecida ao aceitarmos o convite do Presidente Hinckley e ao vermos tantas pessoas agirem e aprenderem pela fé.

Como já mencionei, a responsabilidade de procurar aprender pela fé está sobre os ombros de cada um de nós, individualmente, e essa obrigação se tornará cada vez mais importante à medida que o mundo em que vivemos se torna mais confuso e complicado. O aprendizado pela fé é essencial ao nosso desenvolvimento pessoal e espiritual, bem como para o crescimento da Igreja nestes últimos dias. Que tenhamos

verdadeiramente fome e sede de retidão e estejamos cheios do Espírito Santo (ver 3 Néfi 12:6)—que busquemos aprender pela fé.

Testifico que Jesus é o Cristo, o Filho Unigênito do Pai Eterno. Ele é nosso Salvador e Redentor. Testifico que, se aprendermos Dele, escutarmos Suas palavras e andarmos na mansidão de Seu Espírito (ver D&C 19:23), seremos abençoados com força espiritual, proteção e paz.

Como servo do Senhor, invoco esta bênção sobre cada um de vocês: Que o seu desejo e sua capacidade de procurar aprender pela fé—e de ajudar outros a fazerem o mesmo—sejam aumentados e aperfeiçoados. Essa bênção será uma fonte de grandes tesouros de conhecimento espiritual em sua vida pessoal, para sua família e para os que vocês instruem e servem. No sagrado nome de Jesus Cristo. Amém.